

☐ Livros

Rique Aleixo

**"NA AMAZÔNIA, UM MESSIAS DE ÍNDIOS E BRANCOS**

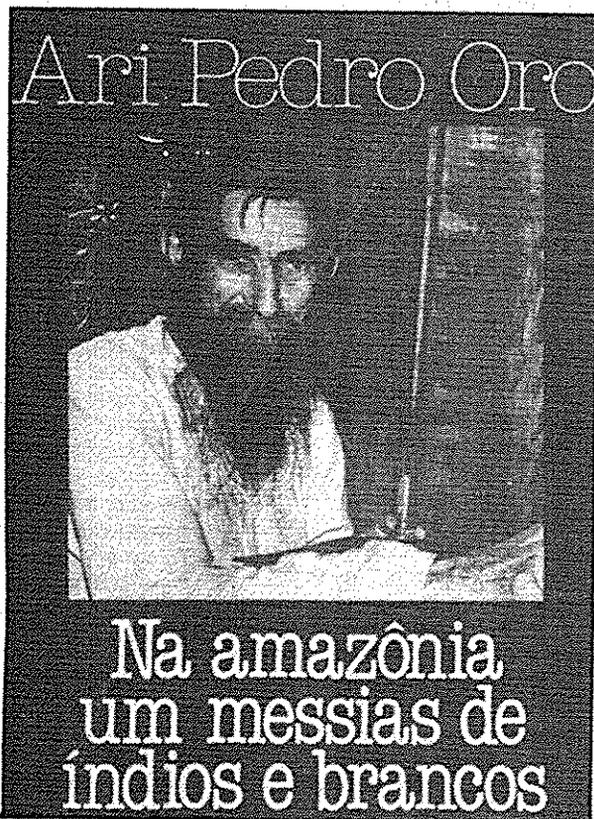
Traços para uma Antropologia do Messianismo", de Ari Pedro Oro.

Em 1913, no povoado de Várzea Alegre — município de Cristina, Sul de Minas —, uma mulher passa por grave problema de saúde no sexto mês da sua nona gravidez. Diante da ineficácia dos medicamentos, em troca da própria vida e da vida da criança, promete consagrá-la ao Sagrado Coração de Jesus. Nasce um menino, que recebe o nome de José Fernandes Nogueira. Aprende a ler e escrever na família — bastante pobre — que lhe transmite também rígida formação católica, chegando mesmo por duas vezes — quando ele tinha nove e 13 anos de idade — a mandá-lo para um seminário, a fim de que se cumprisse a promessa materna.

Aos 24 anos, mesmo ciente das expectativas da família com relação ao desenvolvimento de sua vida religiosa, José Fernandes se casa. Quatro anos depois, nasce-lhe o primeiro dos sete filhos. Torna-se, ao mesmo tempo, responsável pelo Apostolado da Oração e organizador de peregrinações a Aparecida do Norte, ainda no interior de Minas. Esta era, sem dúvida, a maneira encontrada por ele para compensar o seu "desvio". Significativamente, a própria casa comercial que mantém desde 1941, tem o nome de "Bom Pastor".

Até 1960, quando começa a fazer "pequenas viagens apostólicas", José Fernandes Nogueira vai seguindo o mesmo "trem de vida", praticamente inalterado, salvo pelas visões (o Sagrado Coração de Jesus, as Três Pessoas da Santíssima Trindade, "um filme sagrado marcado com o selo de Deus") que se sucedem a partir de 1944, e que só reforçam nele o pensamento místico. Em 62, aos 49 anos, com uma Bíblia e uma cruz nos ombros, cumpre em dois anos um périplo pelos estados de Minas Gerais, São Paulo, Paraná, Santa Catarina e Rio Grande do Sul, dirigindo-se em seguida para o Uruguai — de novo passando pelo Rio Grande do Sul —, Argentina e Paraguai. Depois de reingressar no Brasil através do Mato Grosso, retorna a Várzea Alegre. Já ao sair de casa se rebatizara José Francisco da Cruz: o "Francisco", como possível alusão ao santo de Assis, ou à Irmandade de São Francisco, e o "da Cruz" por razões óbvias.

Esta é, em resumo, a iniciação mística do "personagem do tipo carismático" conhecido como Irmão José da Cruz, em torno do qual seria criada a Irmandade da Santa Cruz, que reúne, já há 18 anos — tendo seu fundador como único lí-



der até a sua morte, em 82 —, "cerca de dez mil índios Tikuna e igual número de brancos regionais", na região do Alto Solimões, Amazonas.

Todos estes dados foram extraídos do livro "Na Amazônia, um Messias de Índios e Brancos", versão ampliada da tese de doutorado em Antropologia apresentada pelo catarinense Ari Pedro Oro à Universidade de Paris. Não fosse pela maneira direta com que o antropólogo tratou o objeto de seu estudo ao longo de quase 10 anos, "utilizando principalmente a observação como técnica de pesquisa", e esta não passaria de "mais uma" tese, mais um tiro no vazio, das centenas que se disparam ano a ano no "Brasil inteligente" — aquele do "olhar distanciado", capaz ainda hoje de ler as realidades daqui de fora para dentro, absurda e absolutamente desatento às nossas particularidades enquanto povo e nação. O livro se divide em duas partes ("Fatores Explicativos do Surgimento da Irmandade da Santa Cruz" e "A Organização e os Significados da Irmandade de Santa Cruz"), e interessa, sobretudo, por propiciar ao leitor um arco mais amplo de respostas sobre a questão — entre nós, tão pouco estudada — dos movimentos messiânicos e sua permanência na última quadra do século XX. Ed. Vozes/EDIPUCRS (Editora da Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul); 1ª edição.